

Apresentação

A apresentação deste novo número de *Lutas Sociais*, como sempre prazerosa, é um momento para refletirmos sobre os objetivos da revista e os acontecimentos do presente. Neste caso, existem motivos para otimismo e preocupação. Intensifica-se a resistência de massa ao imperialismo estadunidense em várias partes do mundo, especialmente no Oriente Médio e na América Latina. Na Venezuela, prossegue uma instigante experiência de lutas antineoliberais fortemente enraizadas no interior do aparelho estatal e com uma crescente participação popular. Movimentos de massas foram decisivos para o despacho de mais um rebento das democracias eleitorais do subcontinente, Lúcio Gutierrez (Equador), que, segundo a praxe que se acentuou com o neoliberalismo, governou de modo exatamente oposto ao que prometera quando candidato. Na vizinha Bolívia, onde Sanchez de Lozada tinha sido apeado em outubro de 2003, chegou a vez de Carlos Mesa. No descarte deste último, em junho deste ano, os capacetes que brilhavam no meio da multidão refletiam a forte e alvissareira presença de operários das minas, enfrentando a repressão e acuando uma das classes dominantes mais retrógradas do continente. A luta dos neoproletários bolivianos não apenas exige a solidariedade ativa no Brasil como a reflexão mais profunda sobre os vínculos entre empresas brasileiras e a cadeia imperialista. Abordagens teóricas e/ou empíricas serão bem acolhidas por *Lutas Sociais*.

Como nossa tarefa está longe de vender ilusões, é imprescindível mencionar o veloz aprofundamento da crise do Partido dos Trabalhadores e do governo Lula. Contrariamente ao que afirmou um ex-presidente de triste memória, é este governo que deixa as esquerdas em tal situação de perplexidade que, até o momento em que esta apresentação é escrita, não conseguem sequer formular o debate político em seus próprios termos. Entre os subprodutos desta crise estão a ameaça de novas desativações de direitos dos trabalhadores e, no plano continental, o silêncio e a inércia em relação às atrocidades da intervenção no Haiti, onde as Forças Armadas brasileiras estão na linha de frente, e também quanto à chegada de tropas estadunidenses ao Paraguai, sob o pretexto de treinar as forças armadas locais para a luta “contra o narcotráfico e o terrorismo”. O pior cenário é o da legitimação de nova ofensiva neoliberal respaldado em crescimento da apatia popular. Urge que as esquerdas brasileiras, mantendo seus respectivos espaços de autonomia, trabalhem melhor suas divergências e construam uma pauta de lutas unificadas. Mais do que nunca, *Lutas sociais*, nos limites de sua esfera de atuação, definidos em seu programa, coloca-se a serviço deste objetivo.

A revista é aberta com um texto de importância teórica valiosíssima. Nele, David Harvey recorre à sua grande cultura e erudição para reexaminar o conceito de imperialismo e propor uma abordagem própria acerca da expansão capitalista nos tempos atuais. Dada a extensão deste texto fundamental, resolvemos publicá-lo em duas partes, ficando a segunda para o próximo número. Na sequência, Domenico Losurdo, de modo brilhante e

contundente, desvenda as contradições entre (neo)liberalismo e marxismo, apontando a extrema dificuldade do primeiro para aceitar plenamente o conceito universal de homem. Esta dificuldade expressa a rejeição prática a um estatuto de igualdade aos trabalhadores, o que resulta numa dificuldade suplementar: ao contrário do que alardeiam, os preceitos liberais, quando levados às últimas consequências, terminam por esvaziar o próprio conceito de liberdade.

Os dois artigos seguintes, de Lúcio Flávio de Almeida e Joana Coutinho, criticam, cada um ao seu modo, processos ideológicos que giram em torno do conceito de governo: o primeiro esboça uma crítica da noção de “governabilidade”; a segunda aborda a trajetória das chamadas ONGs (Organizações Não-Governamentais) no Brasil, ao longo das três últimas décadas do século XX.

Dando continuidade aos estudos sobre o pensamento social brasileiro, publicamos um novo artigo de Celso Uemori que critica algumas das principais teses assentadas sobre as idéias e a prática política de Joaquim Nabuco. Dois textos se voltam, neste número, para a relação entre música e política: Adalberto Paranhos escreve, com argúcia e humor, sobre música popular e relações de gênero durante a ditadura do Estado Novo; e Ramon Vilarino apresenta um belo exemplo de como tratar a música como fonte histórica, ao mesmo tempo em que, relacionando a produção musical com dois contextos, o da ditadura militar brasileira e o da crise do salazarismo em Portugal, destaca o papel da memória como espaço de lutas.

O dossiê sintetiza o compromisso da revista com a análise crítica. Evitando qualquer exercício dogmático, os cinco artigos - de Sérgio Lessa, Valério Arcary, Paulo Barsotti, Renata Honório e Jair Pinheiro - abordam importantes dimensões das lutas dos trabalhadores. Como este esforço é intrínseco à revista, o dossiê dispensa apresentação.

Enfim, quatro alentadas resenhas. Waldir Rampinelli elogia e problematiza *O livro negro do colonialismo*, organizado por Marc Ferro; Alex Akcelrud apresenta uma coletânea magnífica quatro volumes produzidos pelo congresso da REGGEN (Rede de Economia Global), em agosto de 2003; José Rubens Mascarenhas de Almeida critica *O paradoxo do poder americano*, de Joseph Nye; e Lúcio Flávio de Almeida destaca a originalidade da pesquisa que deu base ao excelente *As duas faces da moeda*, no qual Waldir Rampinelli expõe os vínculos entre o governo Kubitschek e o colonialismo português, bem como o apoio que este recebeu de Gilberto Freyre, um dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX.

Caso você se identifique com a proposta da revista, divulgue-a. E não hesite em nos contatar.

L.F.R.A.